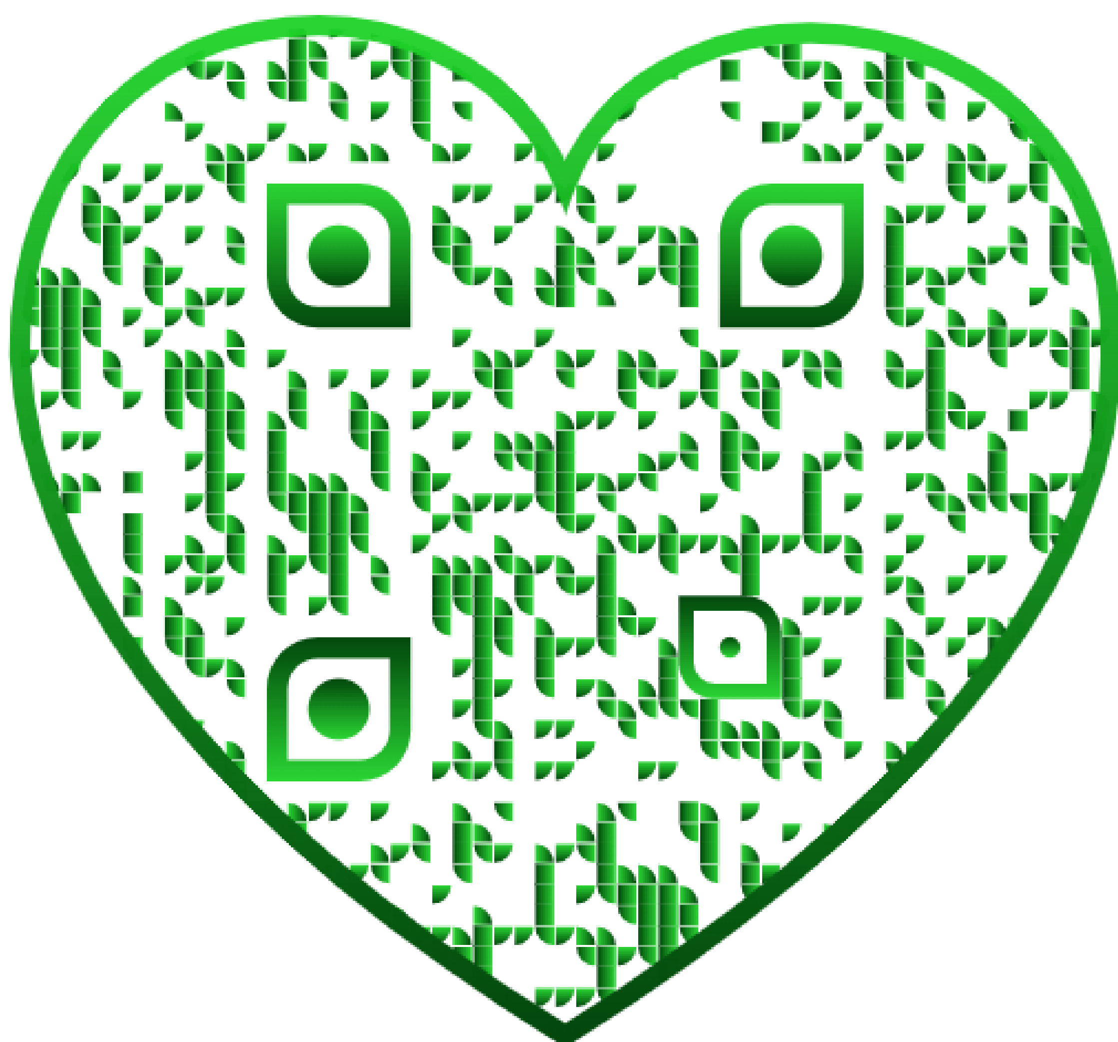
após

o

beijo

um conto de
igor marcondes



Após o beijo

Igor Marcondes

Todos os direitos reservados.



Outros títulos do autor:

Um poema para cada dia em que não te vi
Cinza São Paulo
A cadeira vazia

Siga no Instagram: @igorautor
Leia mais em: www.autorias.com.br
Curta no Facebook: facebook.com/autorias2016
Siga no Twitter: @imarcondesf
Fale com o autor: igor@autorias.com.br

Após o beijo

Após o beijo, se despediram. Virando a esquina, ele se certificou de que não havia ninguém observando, juntou toda a saliva que tinha na boca e cuspiu forte no chão. Fez isso três vezes, com força, com raiva. Sabia que era impossível tirar toda a secreção que foi transferida para sua boca, mas queria expurgar o máximo possível. Não via a hora de chegar em casa e escovar os dentes. Passaria fio-dental, escovaria a língua, lavaria a boca com enxaguante bucal. Até lá, tinha que se contentar com passar um pouco de álcool gel na pele ao redor da boca. “Que nojo.” O ardor do álcool secou a pele, irritando-o ainda mais. A mochila balançando forte nas costas enquanto ele dava passos apressados demonstrava a insatisfação com a situação. “Que nojo.” Passou os dedos nos lábios. Sentiu a carne vermelha e exposta. Parou de andar, encostou-se na parede, ali mesmo, na rua, em público, e deixou os dedos repousarem nos lábios. Eles pulsavam, bombeavam o sangue dele. De olhos fechados, ele sentiu o pulsar leve e quente da boca por poucos segundos, até se dar conta de que estava na rua. Abriu os olhos com vergonha, mas sem medo, pois precisava se encontrar novamente com as próprias batidas, o próprio sangue. A mácula ainda estava presente, os germes bucais daquele que não tinha direito sobre aquela pele. Porém, agora, ele pelo menos podia dizer que se sentia, pois conhecer o próprio corpo, era uma forma de tomá-lo para si. “Me desculpa.” O que aquela boca tinha falado não merecia ser beijado, por isso precisava pedir perdão aos próprios lábios. Qualquer doença de caráter seria passível de transmissão, e aquela boca maldita tinha muitas. Talvez todas. Após o beijo, tinha sobrado tão pouco dele, que sentir as pulsações nos lábios foi muito. Após o beijo, sentiu o alívio por não ter sido o corpo inteiro, pelo presente ter passado, por ele não precisar mais sentir aquele toque. “Me desculpa.” As lágrimas foram caindo pelo rosto, enquanto o corpo caminhava, e foi o corpo caminhando, como se nada tivesse acontecido, que anunciou a ele sua presença. Precisava sentir a pulsação de cada parte daquele corpo que era dele, somente dele. Correu, porque não podia esperar. Correu, porque tinha muito para recuperar, na verdade, era tudo o que tinha, tudo o que tinha para sentir estava ali, no corpo dele. Correu até ficar sem fôlego, o que foi a medida certa para chegar em casa, tirar a roupa, se deitar na cama e esperar. Sentia o peito subindo e descendo, a

respiração estabilizando, os músculos das pernas pulsando, as pálpebras tremendo, os pelos dos braços se desdobrando e arrepiando. Sentia a si mesmo. Nada de alma. Nada de pensamentos. Apenas o corpo. “Me desculpa.” Sentia. Sentir era muito mais do que um ato. Era a certeza. Era o amor. Sentir precisava existir de dentro para fora, com atenção e vontade. Ainda que resultado da necessidade, ele agora sentia, porque tinha tomado de volta a autonomia do sentir, que é a autonomia de ser. Após o beijo, aquele corpo tinha se libertado, porque o que houve antes do beijo não podia ser sentido, apenas suportado. O que houve antes do beijo não podia ser ele, porque ele sentia para ser, e quem ele era exigia sentir além da culpa.